

DO PRÉ-ESCOLAR AOS ANOS INICIAIS: DESAFIOS E POSSIBILIDADES NA IMPLEMENTAÇÃO DE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INCLUSIVAS

ROBERTA GULARTE RODRIGUES¹;
GILSENIRA ALCINO RANGEL²

¹*Universidade Federal de Pelotas – rodriguesroberta92@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – gilsenirarangel@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

O presente estudo é resultado do trabalho de conclusão de Curso (TCC), para obtenção do título de Especialista em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas. O estudo tem como objetivo verificar os desafios e possibilidades para a implementação de práticas pedagógicas inclusivas, do pré-escolar aos anos iniciais, em uma escola da rede municipal, do bairro Areal, na cidade de Pelotas. A proposta é verificar a relevância destas formações para as práticas pedagógicas inclusivas no cotidiano da escola, para crianças público-alvo da educação especial. Busca-se também especificar quais as formações continuadas constituem o trabalho docente e comparar as práticas pedagógicas elaboradas pelos docentes para os alunos público-alvo da educação especial, na pré-escola e anos iniciais do ensino fundamental.

O acesso e permanência à educação inclusiva na escola, é constitutivo por ações da gestão, adaptação na organização curricular, do fazer pedagógico docente, da participação das famílias e a efetividade das legislações: a Lei de Diretrizes e Bases da Educação(LDB) capítulo V, a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência(LBI) e as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNS), asseguram o direito das crianças com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento, altas habilidades/superdotação, público alvo da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva.

Para além da legislação, de acordo (RODRIGUEZ, 2022), “uma escola é inclusiva e transversal quando se torna ensinante e aprendente para todos, quando rompe sua prática tradicional de ensino e não se baseia somente pela legislação, mas, que privilegia a construção de saberes. Prioriza a aprendizagem, garante a qualidade e a permanência sem distinção. Entende-se que a inclusão só será efetiva na escola com a transformação de ideias e remoção de preconceitos, com práticas atitudinais.”

O estigma da criança que recebe o termo “aluno laudado” e “aluno com laudo” no contexto de escolarização, citados durante a pesquisa, permitem refletir sobre as etiquetas e rótulos que elas recebem. Deixam de ser referenciados por nome e qualidades se tornando apenas quantitativos dentro da escola. Para (REZENDE, 2010), “laudar é um verbo inexistente nos dicionários da língua portuguesa, assim como o seu particípio laudado em função adjetiva. É um termo socialmente construído.” Ainda de acordo com (FREITAS; GARCIA, 2009). “O “laudo”, é o pré-requisito para um atendimento especializado uma “oportunidade” para que o insucesso escolar seja esclarecido.”

A formação continuada da Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, tem como objetivo a qualificação do trabalho docente para promover práticas pedagógicas inclusivas, considerando as especificidades de cada criança. Estas práticas pedagógicas garantem o acesso à aprendizagem, promovendo um

ambiente acolhedor e acessível com equidade para os processos de aprendizagem. Assim, NÓVOA (2009), defende a necessidade de uma formação de professores construída dentro da profissão. Enfatiza que a formação de professores centra-se em metodologias discursivas, e que o professor se contamina com o que chama de “discurso gasoso”, que se espalha por todos os espaços e impede o pensar e agir sobre novas práticas e novos conceitos sobre diferentes realidades. Já (COSTA, 2006) “A educação da criança com necessidades educacionais específicas almeja a mesma da criança dita “não-especial”. Os meios e a forma de se atingir esses objetivos é que seriam diferentes. Produzir esses meios implica pensar em uma educação criativa com instrumentos modernos para que se desfrute de uma educação de qualidade.”

2. METODOLOGIA

Para a viabilização do trabalho, foi realizada uma pesquisa de cunho qualitativa, sendo uma ferramenta importante para obtenção de dados dos fenômenos estudados e desenvolvimento de teorias e hipóteses, proporcionando o entendimento de forma flexível sobre as experiências e perspectivas das docentes sobre a Implementação de Práticas Pedagógicas Inclusivas na escola. Com método de pesquisa de cunho bibliográfico, e como instrumento para coleta de dados, questionário com 15 (quinze) perguntas estruturadas para respostas descritivas, de múltipla escolha e avaliativas, via google docs, com professoras da tarde, da etapa pré-escolar (EI) e dos anos iniciais ano (AI) do ensino fundamental (1º, 2º e 3º ano). A pesquisa, foi mediada com a vice-diretora do turno da tarde e as participantes do questionário atuam somente em turmas regulares. A perguntas podem ser vistas no Quadro 1.

Quadro 1. Perguntas do questionário:

- 1) Qual a sua formação?
- 2) Como você define a educação inclusiva?
- 3) Possui alguma formação continuada sobre a educação especial com práticas inclusivas?
- 4) O que você considera ser mais difícil na educação inclusiva?
- 5) O que você considera ser mais fácil na educação inclusiva?
- 6) Como você elabora e/ou adapta recursos pedagógicos inclusivos?
- 7) Quais barreiras existem na sua turma para que se efetive a educação inclusiva?
- 8) Como você se sente com os desafios no cotidiano da escola para efetivação da educação inclusiva?
- 9) Como você percebe as práticas inclusivas na escola?
- 10) A escola possui sala de Atendimento Educacional Especializado?
- 11) Você considera acessível dialogar com a gestão escolar sobre práticas inclusivas na escola?
- 12) Como é a relação com as famílias dos alunos da educação inclusiva?
- 13) Quais recursos pedagógicos são utilizados em suas práticas pedagógicas inclusivas na sala de referência?
- 14) Quais formações achas pertinente para aprimorar o conhecimento e a prática para efetivação da educação inclusiva?
- 15) Gostaria de deixar outras contribuições para pesquisa? Descreva-as.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa aferiu que todas as docentes possuem formação em pedagogia e uma também em psicologia e definem a educação inclusiva como garantia para uma educação de qualidade mesmo com as intempéries diárias.

Os maiores desafios do Pré-escolar aos Anos Iniciais para Prática Pedagógicas Inclusivas, residem na falta de formação continuada, falta de recursos materiais e financeiros, de apoio especializado para auxiliar as crianças e adaptar as práticas pedagógicas, de salas com mais de um “laudado” com carga horária reduzida, na invisibilidade docente, de estrutura ambiental e organizacional inacessíveis, considerados essenciais e indispensáveis para as docentes desenvolverem novas habilidades e conhecimentos, a fim de promover uma educação equitativa e eficaz em suas práticas.

Como possibilidades, está a oferta de formações continuadas não homogêneas, para capacitá-las e atualizá-las teoricamente sobre possibilidades de recursos pedagógicos. Somente a teoria não é subsídio suficiente para promover práticas inclusivas na escola. Para GATTI (2017), “se faz-se necessário olhar sem véus a situação presente, de forma reflexiva sobre os efeitos destas ações diante da complexidade do trabalho docente na contemporaneidade e mudar o cenário da formação de professores.” Com turmas reduzidas, profissionais especializados para as crianças com necessidades específicas na sala de referência, estrutura adequada para permanência das crianças, cuidado com a saúde mental e valorização dos professores, com ajustes no plano de carreira e o retorno de incentivos remunerados da gestão municipal, são subsídios para a efetividade da inclusão na escola. MANTOAN (2003), diz que a escola não é uma utopia, ela é feita de alunos reais, com suas diferenças e não com modelos ideais que os professores aprendem na teoria e não querem e/ou não conseguem encarar mesmo o sistema “disponibilizando” capacitações dentro de uma velha concepção escolar.

Os recursos humanos e materiais são indispensáveis, concomitante a ações atitudinais das professoras, gestão escolar e participação ativa das famílias. As professoras relataram utilizar materiais concretos, jogos, brincadeiras, recursos visuais, quadro mágico, quadros de rotina, computador, música, atividades sensoriais e materiais coloridos. Não há recursos especializados, adaptados, abstratos e de interação social. É urgente repensar postura e transformar ideias e ações preconceituosas, discriminatórias e segregatórias. “A educação inclusiva não surgiu por acaso, não é missão exclusiva da escola. É um produto histórico de uma época e de realidades educacionais contemporâneas, uma época que requer que abandonemos muitos dos nossos estereótipos e preconceitos. Não podemos restringir como ponto de partida para a inclusão somente à escola e formação de professores. Todas as áreas e espaços sociais são formativos (PACHECO, 2012)”.

4. CONCLUSÕES

O trabalho torna-se significativo para a sociedade, apresentando dados sobre a relevância da formação continuada e as intempéries que atravessam o cotidiano da escola, para a implementação de práticas pedagógicas inclusivas; apresentando também, o que está sendo feito para eliminar barreiras excludentes, segregatórias e promover a equidade. Esse estudo possibilitou uma noção abrangente para continuarmos fomentando discussões sobre efetividade das políticas públicas,

reafirmando a importância da formação continuada e de práticas pedagógicas adequadas para a inclusão.

Mesmo com o sentimento de desvalorização, as professoras reconhecem seus esforços e a precariedade do sistema em valorizar o trabalho docente e possibilitar uma escola de qualidade, que seja ensinante e aprendente para todos. No entanto, sentem-se excluídas do próprio processo de inclusão.

Ficou evidenciado, o desejo de continuidade da pesquisa de acordo com as respostas das professoras. Compreende-se esse desejo como um pedido de acolhimento e visibilidade: Quem acolhe quem ensina? A sociedade cobra dos docentes respostas e resultados a curto prazo, mas não oferece possibilidades, para promover o bem-estar profissional. Esquecem que estes profissionais também são a sociedade, são pessoas com sentimentos e que ainda buscam e sonham com a educação inclusiva e de qualidade para todos

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COSTA. D. Superando Limites: A Construção de Vygotsky para a Educação Especial. **Revista Psicopedagogia**. São Paulo, vol.23, n.72, p.232-240, 2006.

FREITAS, M. GARCIA, E. De Diagnósticos e Prognósticos: laudos na configuração de muitas experiências de escolarização. **SciELO BRASIL/ARTICLES**. São Paulo, v. 49, n. 173, p. 316-340, 2019.

GATTI. B.A. **Formação de professores, complexidade e trabalho docente**. Revista Diálogo Educacional, vol. 17, núm. 53, 2017, pp. 721-737. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Paraná, Brasil. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1891/189154956002.pdf>.

MANTOAN. M.T. **Inclusão Escolar: o que é? por quê? Como fazer?** São Paulo, Moderna, 2003.

NÓVOA. A. **Professores: Imagens do Futuro Presente**. Educa Instituto de Educação Universidade de Lisboa Alameda da Universidade 1649-013 Lisboa | Portugal, 2009.

PACHECO. J. **Inclusão Não Rima com Solidão**. Rio de Janeiro: Wak, 2012.

REZENDE, J. M. LAUDAR, LAUDADO. **Revista de Patologia Tropical/Journal of Tropical Pathology**, Goiânia, v. 39, n. 3, p. 228–230, 2010.

RODRIGUEZ, R. **Organização e Prática da Escola Inclusiva**. Caderno de estudos nº.8/Ufpel. Curso de Aperfeiçoamento em Gestão da Educação Especial na Perspectiva Inclusiva, 2024.